

PALCO

JUIZ DE FORA, MARÇO. 2014. ANO VI. Nº 39

CINE-THEATRO CENTRAL 85 ANOS DE EMOÇÕES

Há 85 anos, o Central impôs sua presença no coração urbano de Juiz de Fora, impressionando, de imediato, aqueles cidadãos que tiveram o privilégio de testemunhar sua inauguração em 30 de março de 1929. Desde então, tornou-se espaço de referência para a cultura local. Para celebrar seus 85 anos, o cine-teatro receberá ao longo do ano uma programação especial preparada por uma comissão formada pela Pró-reitoria de Cultura, da Universidade Federal de Juiz de Fora, a que o Central passou a pertencer há exatos 20 anos, desde a incorporação do imóvel a seu patrimônio em 1994.

A agenda começa na noite de 28 de março, com apresentações de Coral da UFJF, grupo Lúdica Música e Dudu Lima Trio e participação especial do cantor Milton Nascimento, com quem os dois últimos atuaram em dife-

18h, que, além de conhecer as instalações, poderão levar para casa um catálogo com as informações sobre o edifício.

A celebração dos 85 anos do Cine-Theatro Central conta ainda com uma homenagem a um nome fundamental de sua história – o pintor Angelo Bigi, imigrante italiano que se estabeleceu em Juiz de Fora no início do século passado e é o autor do projeto de decoração ornamental e artística da edificação. O artista é tema de uma exposição que permanece em cartaz no MAMM (veja matéria na página 4) e que resultará em catálogo a ser lançado.

HISTÓRIA

O Cine-Theatro Central começou a ser construído em princípios de 1927, por iniciativa de um grupo de em-



rentes projetos. O músico tem uma relação afetiva com o Central. Uma das mais belas vozes da MPB, Milton já declarou que o Central é parte de sua vida e se engajou na campanha por sua recuperação no início dos anos 1990: foi de um depoimento do cantor sobre o belo teatro que se extraiu o slogan da campanha – “Central, a emoção de todos nós”.

CIRANDA CENTRAL

O público infantil será especialmente presenteado em 2014, com o lançamento, ainda no primeiro semestre, do mais novo projeto da Pró-reitoria de Cultura – o *Ciranda Central*, que se propõe a oferecer programação especialmente para os pequenos nas tardes de domingo. Através da abertura de edital, o projeto receberá inscrições de espetáculos de todo o Brasil, que deverão ter ingressos a preços populares e destinação de parte da plateia para instituições e escolas públicas, seguindo os moldes do *Luz da Terra*, projeto de ocupação do teatro por produções artísticas de Juiz de Fora que está na sua segunda edição.

Em 2013, o *Luz da Terra* levou mais de 13 mil pessoas ao Central, número que superou as expectativas da Pró-reitoria de Cultura, demonstrando, segundo o pró-reitor Gerson Guedes, que há um público interessado e mesmo já habituado a frequentar o teatro. Com o *Ciranda Central*, a expectativa é proporcionar oportunidade de o público infantil ter acesso à produção teatral, através de uma programação de qualidade que contribuirá para a formação de público para a dramaturgia.

VISITAS

Outra iniciativa é a criação do Espaço Angelo Bigi, instalação de totens móveis no Foyer do Central, que apresentará informações sobre a história do cine-teatro. O projeto prevê a abertura do espaço para visitantes entre 14h e

presários da cidade formado por Chimico Corrêa, Diogo Rocha e o coronel Gomes Nogueira, aos quais se associou o industrial Pantaleone Arcuri, que, com sua firma construtora, vinha mudando a face arquitetônica de Juiz de Fora. A construção dura cerca de dois anos, com o espaço sendo inaugurado em fins de março de 1929.

Por décadas, o Central foi o principal cinema do município. Uma foto histórica registra a saída de uma sessão, no decênio de 1930, com uma multidão ocupando a Praça João Pessoa. Seu palco também recebeu alguns dos principais nomes do teatro brasileiro do passado e importantes companhias nacionais e estrangeiras de ópera, além de grandes músicos e bailarinos. Ícones como os comediantes Grande Otelo e Oscarito, a soprano Bidu Sayão, o pianista polonês Artur Rubinstein, os cantores Carlos Galhardo e Nelson Gonçalves foram alguns dos astros e estrelas que receberam seus aplausos no Central.

Na década de 1960, o cine-teatro sediou o pioneiro Festival de Cinema Brasileiro e o Festival de Música Popular Brasileira, que trouxe a Juiz de Fora artistas que se consagrariam entre os grandes de nossa música popular, como Clara Nunes, Milton Nascimento, Zé Rodrix e Gonzaguinha.

Entre os anos 1970 e 1980, consolida-se em Juiz de Fora a conscientização da necessidade de preservação do patrimônio arquitetônico e artístico da cidade. Com a mobilização da sociedade, o Cine-Theatro Central é um dos primeiros bens a ser preservado pela recém-criada legislação de tombamento do município. Já na década de 1990, a mobilização é pela desapropriação do espaço, que, em 1994, passa à administração da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nesse mesmo ano, o Central é tombado como bem do patrimônio federal. Dois anos depois, é submetido à grande restauração que reintegrou o cine-teatro ao circuito nacional de cultura.

NESTA EDIÇÃO

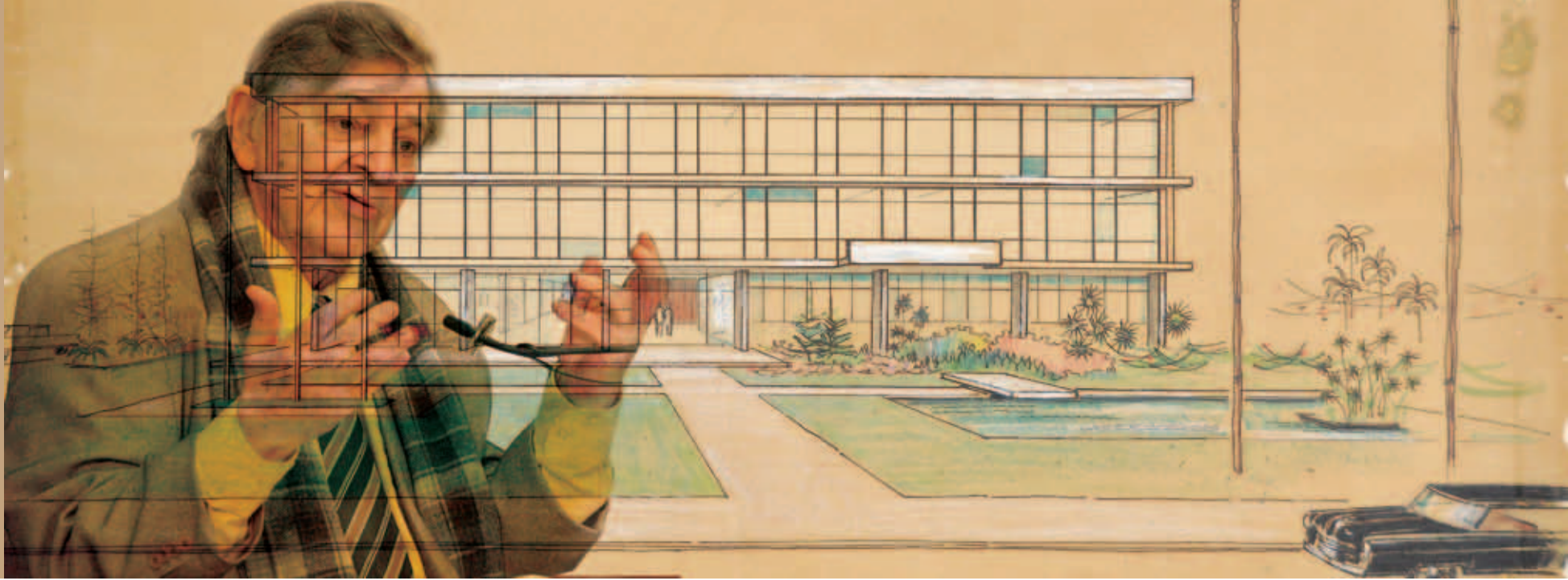
MEMÓRIA
A ARTE DE DÉCIO
BRACHER

ENTREVISTA
INÁCIO ARAÚJO E A
CRÍTICA DE CINEMA

JUIZ DE FORA, 1964
HISTÓRIA E TRAUMA

ANGELO BIGI
MUITO ALÉM DO
CENTRAL





MEMÓRIA DÉCIO BRACHER

Em 18 de janeiro, Juiz de Fora perdeu um de seus grandes artistas: Décio Bracher. Décio, que, além de ligado à arte, se envolveu fortemente com a história e com a arquitetura, é o arquiteto responsável pelo desenho da antiga reitoria da UFJF, atual Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Desenhista e professor, atravessava já há algum tempo um quadro de infecção nos rins, agravado com diabetes, problemas cardíacos e de circulação. Hoje, restam a saudade e suas obras como recordação. Além dele, pouco mais de um mês antes, os Bracher perderam Nívea, célebre pela maestria de seus retratos.

Advogada e amiga íntima da família, Fabrícia Lenz guarda recordações de boas conversas com Décio. “Ele dava uma aula sobre qualquer coisa, com precisão, com desenhos, fazia mapas; era quase um Google Earth. Falava de questões econômicas e políticas que estavam por trás de uma construção artística.” Sobre o destino do Castelinho – a residência-ateliê dos irmãos Bracher –, avalia como uma decisão difícil para os familiares, em função do tombamento do imóvel e do próprio carinho que têm por ele.

Paulo Bracher lamenta a perda: “Meus irmãos foram precursores da defesa do patrimônio arquitetônico de Juiz de Fora numa época em que esse assunto não era relevante e nem ‘politicamente correto’. A pintura do Décio, por exemplo, era de denúncia. Era um pintor de demolições”. Décio e Nívea encabeçaram movimentos que impediram a demolição de patrimônios como a antiga fábrica Bernardo Mascarenhas e o Cine-Theatro Central. “Eles venceram algumas lutas e perderam outras.”

Com os patriarcas Emengarda e Valdemar Bracher, a família veio para Juiz de Fora na década de 1940 e, já nessa ocasião, se envolveu

com a UFJF: “Meu pai foi responsável pela instalação da universidade no bairro Martelos, e poucas pessoas trabalharam pela universidade como ele. Era responsável pela parte hidráulica. Levantava antes de o sol nascer e, no carro dele, com a gasolina dele, buscava uns peões e ia trabalhar. Nessa arrumação que estamos aqui na casa, encontramos até uma picareta que ele usava”. Foi seu Valdemar quem indicou Décio como arquiteto da Reitoria para o então reitor João Borges de Matos. “A ideia inicial era construir uma reitoria simples, pequena, mas o Décio bateu o pé e pensou em fazer uma coisa definitiva. Fez os croquis, apresentou as ideias para o reitor, que gostou e deu início à construção. Ele, inclusive, já pensou longe, deixou um espaço livre bem grande, porque sabia que, mais tarde, seria construída mais alguma coisa”, lembra Paulo, referindo-se à área onde hoje onde está sendo erguido o Memorial da República – Presidente Itamar Franco.

Responsável pelo projeto do Memorial, o arquiteto Rogério Mascarenhas aponta o diálogo entre as duas edificações: “O prédio do Décio é mais alto, com três lajes. A nossa laje está na altura da primeira. O MAMM é modernista, basicamente com lajes, colunas e vidro. O nosso prédio tem elementos da arquitetura contemporânea, mas com inspiração modernista numa relação de respeito, diálogo e homenagem ao trabalho do Décio”. Quando ainda era estudante, Rogério divagava sobre Juiz de Fora vir a ter um museu de arte moderna. “Nem imaginava que, mais tarde, seria negociado com a viúva do Murilo Mendes [a doação de] seu acervo, que provisoriamente ficou onde atualmente é a Casa de Cultura, e, mais tarde, foi transferido para o MAMM. Aquele prédio cumpre plenamente a finalidade. Ele tem cara de arte moderna; é muito leve, flexível”.

Raíra Garcia

ENTREVISTA INÁCIO ARAÚJO

O cinema pode estar na aurora de uma transformação, mas hoje quem está oferecendo bom cinema são as séries de TV. Em visita ao MAMM, no final de 2013, para uma palestra no projeto *Cinema em Foco*, o crítico Inácio Araújo, da *Folha de S. Paulo*, falou ao *Palco* sobre o espaço e o papel da crítica na contemporaneidade e o futuro da sétima arte.

Numa época de “culto ao amador” e em que temos o cinema como um dos assuntos mais presentes na internet, quem é crítico de cinema hoje?

Eu tenho a impressão de que essa atividade, que teve muito importância entre o pós-guerra e talvez entre os anos 1970 e 1980, acabou sendo um pouco aviltada, entre outras coisas, por causa da internet. Houve um momento em que não precisava ter uma formação, ter um estudo, uma constância de visão. Daí a importância desse contramovimento de uma jovem crítica, que começou com a *Contracampo*, depois veio a *Cinética*, a *Cinequanon* [revistas virtuais sobre cinema], todas com um gosto efetivo por cinema, não eram oportunistas. Mas hoje a crítica é uma atividade que é indesejada pela própria indústria cultural. Quanto menos intermediários, opiniões que se interponham ao *trailer*, ao boca a boca gerado cientificamente antes do lançamento do filme, melhor para o filme. Não querem que o filme seja visto como lugar de reflexão da realidade, do mundo. Para eles, é ótimo que a pessoa vá lá, coma a sua pipoca, fique feliz, e que o cinema volte a ser uma diversão de fim de semana, suave, que é o que tem sido proposto pela maior parte dos filmes.

O papel do crítico é exatamente esse: levar a uma reflexão.

Tenho a impressão de que o crítico é, sobretudo, alguém que provoca algum diálogo. Ele está dialogando com alguém, fazendo o espectador pensar em algo que o contradiz. Assim, vamos aprendendo. Eu aprendi muito quando o crítico discordava de mim, mais do que quando concordava. É muito interessante isso. O Jacques Rivette, grande crítico, disse que o



Stanley Kubrick não é humano, que os filmes dele são imorais. De repente, tem uma opinião que abala uma opinião formada.

Muito se fala da falta de criatividade do cinema atual. Está mais difícil fazer crítica de cinema em função disso e dessa produção que é hegemônica, dos *blockbusters*?

Toda arte tem seu grande momento. Tenho a impressão de que o momento maior do cinema passou. Quando se está no momento de invenção de uma arte, de uma linguagem, tudo está aberto, tudo está por ser feito. Isso evidentemente não impede que haja grandes criadores hoje: Kiarostami, Cronenberg, Manoel de Oliveira; mesmo nos EUA, você tem diretores que se destacam, como Tim Burton, mesmo no registro do grande filme, mais caro. Os velhos produtores eram pessoas monstruosas, mas entendiam do que faziam. Nasceram com o cinema (Mayer, Goldwyn), enquanto os de hoje são meramente executivos, preocupados com dinheiro. E o controle que exercem tende a ser menos saudável e diminuir a possibilidade de abertura, de criatividade.

Você concorda que a criatividade está hoje na TV, não no cinema?

Tem séries muito boas, e as séries estão oferecendo bom cinema, enquanto os filmes tendem a certo caráter de diversão familiar, de entretenimento, muito amplo, que acaba sendo limitado. Se você vai conversar numa festa e não viu *Breaking Bad* ou *Mad Man*, você está por fora. Enquanto que, se você não viu o *Capitão Philips*, não tem problema.

Como vê o cinema dentro de dez, 15 anos? O futuro está na tecnologia ou na revitalização de sua linguagem?

Cinema sempre existirá dentro desses dois aspectos: o cinema é uma arte tecnológica, não prescinde da tecnologia e nem de seus avanços, mas deve ser algo que reflita o mundo. Quando se torna muito convencional, perde-se um pouco. Seja qual for a dimensão que venha a ter, não prescindirá de ser isso o que o Godard chama de arte mais próxima do homem, que o capta mais diretamente, porque revela a sua presença. É uma arte da presença humana entre os objetos do mundo.

Izaura Rocha



JUIZ DE FORA PASSADO PRESENTE

A madrugada do dia 31 de março de 1964 marcou o início de um período dramático do país – e Juiz de Fora foi protagonista nesse momento sombrio da história brasileira: a mobilização de tropas, que saíram da cidade em direção ao Rio de Janeiro, resultou em 21 anos de ditadura militar. Enquanto uma parte da população civil apoiou os militares, outra parte, organizada em movimentos sindicais, estudantis e artísticos, se opôs ao golpe. Cinquenta anos depois, a cidade ainda procura entender o papel que lhe coube naquele momento e o lugar que ocupa, hoje, na história recente do Brasil.

Do ponto de vista histórico, o golpe de 1964 pode ser considerado um passado presente e necessita de maiores estudos. A coordenadora do grupo de pesquisa *Comunicação, Cidade, Memória e Cultura*, professora e secretária de Comunicação Christina Musse (UFJF), afirma que a população juiz-forana desconhece que as primeiras manobras do golpe, no sentido de as tropas irem em direção ao Rio de Janeiro, aconteceram aqui. “As memórias traumáticas, necessariamente, precisam de um tempo para ser absorvidas, revisitadas e compreendidas”, diz ela.

Uma das formas de se entender o processo histórico, que, de certa forma, influencia diretamente na construção da identidade de um povo e nas manifestações culturais, artísticas e políticas, é por meio de pesquisas e discussões levadas a público, as quais exercem papel crítico e educativo. Para o professor do Instituto de Ciências Humanas da UFJF, Eduardo Salomão Condé, existe um esvaziamento da vida pública – que não é característica específica de Juiz de Fora, mas de uma forma generalizada. O nível de identificação imediata e de participação das pessoas na esfera pública é muito pequeno, o que reflete no universo da cultura. “Se, até os anos 1980, havia um clima de protesto, rebeldia e inovação, há uma alteração desse cenário, relativamente grande, nos anos 1990”, afirma Eduardo Condé. Enquanto nos anos 1980 houve um florescimento cultural, o desafio da cidade no presente é recuperar o dinamismo cultural desse período. Hoje, a movimentação cultural existente parte da ação pública da Universidade, através, por exemplo, do Cine-Theatro Central e do Centro Cultural Pró-Música.

PARADOXOS

A rememoração dos fatos pós-1964 pode esclarecer paradoxos que ainda persistem na cidade, seja no âmbito político ou no cultural, uma vez que as duas práxis estão diretamente ligadas. A exploração de documentos e de conteúdos dos veículos de comunicação da época apresenta soluções para o estudo e as investigações em torno da identidade e da história de Juiz de Fora. Para o professor de história do Colégio de Aplicação João XXIII, Fernando Lamas, a cidade não lida de maneira adequada com essa questão, e isso pode ser percebido em pequenas coisas, como nos nomes dos logradouros públicos: “A principal avenida do bairro São Pedro chama-se Avenida Presidente Costa e Silva (e chamá-lo de presidente é um ultraje); o quartel ao lado do Museu Mariano Procópio chama-se “Brigada 31 de Março” em “homenagem” ao golpe. Logo, os exemplos indicam que a cidade como um todo não trabalha bem a sua participação, especialmente institucionalmente, já que deveria ser da parte de órgãos como a Prefeitura e a UFJF os principais atos em relação ao golpe e a sua história”.

Uma análise do jornal *Diário Mercantil* no período imediatamente pré e pós-golpe de 1964, realizada por Christina Musse no seu grupo de pesquisa, exemplifica que o discurso da imprensa foi um grande legitimador para que o golpe fosse colocado em prática. “Na época, havia uma imprensa hegemônica – os grandes jornais – que avalizou o golpe, com a postura conservadora. Publicavam-se matérias que geravam certo pânico entre a população leitora, que era uma população pequena.” E isso se seu em todo território nacional. Mas havia também jornais que foram contra essa hegemonia, como é o caso do jornal *Binômio*, que circulava em Belo Horizonte.

Christina Musse afirma que ler essa história recente exige um esforço para entender esse paradoxo. A história da cidade não foi linear, houve focos de resistência ao golpe e ao período da ditadura militar. Ela ressalta que, na redemocratização, houve a participação do povo na rua, cobrando a democracia. “E, depois do golpe, muitas pessoas ligadas ao Partido Comunista continuaram a trabalhar na cidade de forma clandestina. Apesar da censura, alguns membros do antigo partidão escreviam no *Diário Mercantil*, no caderno Prosa e Verso, ligado a arte, literatura e cinema, onde publicavam poemas e críticas de filmes. A cidade não se calou, apesar da censura, e, principalmente na área artística, houve focos de resistência. Quando se analisa o *Diário Mercantil*, observa-se a participação de pessoas que estavam ligadas clandestinamente ao Partido Comunista.”



Fernando Lamas acredita que a melhor forma de se refletir e superar esse passado é entender o processo através do estudo crítico e levantamento dos fatos, já que ainda é uma história ainda muito recente. “Os impactos do golpe e da subsequente ditadura ainda não foram devidamente estudados. Muito já se falou sobre o golpe em si e sobre a ditadura, mas ainda há muito o que falar sobre ambos, tanto dos grupos políticos que participaram quanto daqueles que se opuseram. Não podemos entender aquele momento como um passado pronto e já interpretado. Ao contrário, devemos nos abrir para podermos estudar realmente o que aconteceu e, nesse sentido, a Comissão da Verdade pode ajudar não somente a apurar o que houve como também a criar uma nova disposição para a sociedade brasileira: a de buscar informações sobre seu passado, ao invés de escondê-lo.”

AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

EXPOSIÇÃO

18.03 Abertura da exposição de fotografias *Identidade: Negra*, fotografias de Rafael Sinfrônio Saguão da Reitoria

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

09, 18h *Coisas que a gente não vê* – Misailidis Produções

13, 20h Sesc – Companhia de Dança

22, 19h *Com meus botões* – Marcus Marinho

28, 20h *Coral da UFJF, Lúdica Música, Dudu Lima Trio e Milton Nascimento*

29, 20h *Giselle* – Ballet Misailidis

MAMM

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm

Terça a sexta: 9h às 18h

Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

O artista. O poeta. O retrato
Galeria Poliedro

Fernando Ancil

Galeria Poliedro

De 14 de março a 4 de maio

Angelo Bigi: Homem da Itália – Artista do Brasil

Galeria Convergência

Até 20 de abril

LANÇAMENTO

12, 19h Lançamento do livro *Nossa vida de cada dia entre o supermercado e a drogaria*, Gilberto Felisberto Vasconcellos

SARAU

14, 19h *Café com Poesia (e Arte)*, Palestra Daura Barbosa – Homenagem a Augusto dos Anjos

DEBATE

26, 19h *As ditaduras impostas à mulher*, Lúcia Rincon (do Conselho Nacional da Mulher)

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

Peregrinos – Os pés, de Ropre
Galeria Renato de Almeida
Até 30 de março

CLÁSSICOS PRÓ-MÚSICA

31, 20h *Trio D'Ambrósio*
Teatro Pró-Música/UFJF

FORUM DA CULTURA

R. Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850

EXPOSIÇÃO

Representação do feminino
Museu de Cultura Popular
De 07 a 28 de março

O teatro brasileiro através de maquetes

Galeria de arte

De 11 a 28 de março



ANGELO BIGI ARTISTA MÚLTIPLO

As pinturas presentes nas paredes do Cine-Theatro Central são uma atração à parte para quem visita o edifício. De autoria do pintor italiano Angelo Bigi, a decoração interna foi destaque da restauração que, em 1996, revelou detalhes e painéis que estavam encobertos por várias camadas de tinta. Considerado o maior trabalho do artista italiano, o Central não foi, porém, o único a receber pinturas de Bigi, que ornamentou também o Salão Nobre da Associação Comercial de Juiz de Fora. A matriz de Matias Barbosa e igrejas em Além Paraíba, Manhuaçu e Barbacena, entre outras cidades do interior, também possuem pinturas assinadas por ele. Apesar de sua obra ser reconhecida principalmente por esse tipo de pintura parietal, Bigi não se limitou a esse gênero.

No ano em que o Cine-Theatro Central completa 85 anos, a exposição *Angelo Bigi: Homem da Itália, Artista do Brasil* reúne trabalhos que apresentam ao público outra face do artista. Pinturas de óleo sobre tela, caricaturas, desenhos com grafite e retratos de família são exibidos na mostra, que permanece em cartaz no MAMM até o dia 20 de abril. Entre paisagens, retratos e caricaturas, é possível perceber na obra de Bigi uma grande sutileza, um ar melancólico e realista, reforçado pelo jogo de luz e sombra de sua paleta de cores. De acordo com um dos curadores da mostra, Paulo Alvarez, outro aspecto interessante nas obras do artista é a capacidade de representar a introspecção de seus personagens.

O retrato *"Costurando"* (1949), feito a óleo sobre tela, reflete bem o tipo de composição do artista. A luz do ambiente, o abajur e a delicadeza com que retratou a esposa, Nella, fazem com que o quadro seja "sensível e ao mesmo tempo revele ausências e tristezas reais", afirma Alvarez. Outra obra que demonstra bem essa mistura de sentimentos é *"Invocação"* (1949), que imprime uma aura de santidade à figura de um homem comum.

Os retratos chamam a atenção pela técnica e pela história por trás deles. Como revela Valtencir Almeida Passos, que assina a curadoria da exposição ao lado de Paulo Alvarez, a fonte de inspiração de Bigi vinha de conhecidos e de estranhos. "É possível ver nessas obras a representação de pessoas conhecidas, como a filha Alda, assim como de colegas de trabalho, como o de seu auxiliar, o pintor de paredes Luis Pereira, e até mesmo de estranhos do asilo que visitava frequentemente em busca de inspiração."

Outro recorte dentro da exposição, mais curto, porém não menos importante, é a série dedicada ao mar. Segundo Alvarez, esse trecho é marcado pela perfeição do movimento marítimo. "O traço único e a maneira com que Bigi pinta o mar, na precisão de seu pincel, é o que torna suas ondas e seus movimentos perfeitos." O efeito alcançado por Bigi fez tanto sucesso que provocou comentários como o do crítico Pereira da Silva, que lamentou o fato de o artista ter regis-

trado tão pouco em sua obra as belezas do oceano. "Pena que Angelo Bigi não tenha se dedicado mais ao mar que a terra. [...] O mar oferece encantos que o seu pincel sabe fixar. As poucas marinhas que vimos assim o provam", afirma o especialista em seu livro *Belas Artes*, de 1948, editado pela Sociedade dos Artistas Nacionais.

Quando se fala nas paisagens da terra – as montanhas de Minas Gerais, principalmente as de Juiz de Fora –, as obras evocam sentimentos saudosistas, como narra o escritor Edmundo Lys no artigo *Paisagem da minha terra*, publicado no jornal *O Globo*. "Sempre que vou a uma exposição do pintor Angelo Bigi, tenho a impressão muito grata de estar de novo na paisagem ingênua de minha terra, que não tem palmeiras, que tem chaminés, bosques, florestas de chaminés, e onde não canta o sabiá, mas zumbem os dínamos de todas as suas fábricas", afirma o escritor, descrevendo o cenário industrial da cidade na época.

SÁTIRA

Longe das pinturas de decoração e das de cavalete, o artista também se arriscou nos desenhos com grafite e nas caricaturas. Embora não fosse considerado mestre no ofício da caricatura, Bigi fez sucesso com seus desenhos em publicações do *Jornal do Comércio*, na revista *Lite-rarte* e no semanário de arte *A Sarna*. Nesse gênero, o artista atingiu o objetivo não tanto pela técnica, mas principalmente pelo seu conteúdo satírico. Era comum ver nas charges de Bigi nomes importantes da política local e os acontecimentos tragicômicos desse círculo social.

Esse contato com o mundo da caricatura ainda renderia a Angelo Bigi a oportunidade de ilustrar o livro *Cidade do Sonho e da Melancolia*, do escritor Gilberto de Alencar. Nesse volume, destaca-se o desenho referente à morte de Tiradentes, no qual a cabeça do infidélito aparece com aspecto mais viril do que o célebre perfil criado por Alberto Delpino.

Além de todo valor técnico, e além de todo valor estético, a exposição *Angelo Bigi: Homem da Itália, Artista do Brasil* ainda guarda um valor histórico. Como ressalta Valtencir Passos, um dos grandes méritos do artista é documentar com precisão o espírito de sua época, sobretudo nas décadas de 30 e 40 do século XX. "Bigi revela traços de Juiz de Fora da época em que viveu e retrata, através de cores e perspectivas atmosféricas, um lugar totalmente diferente do atual."

A mostra, inaugurada em dezembro passado, veio coroar, no 60º ano de sua morte, em 2013, o já reconhecido trabalho do artista italiano que escolheu Juiz de Fora para seu lar.

Jéssica Vitorino

